

## NARRATIVA DE VIAGENS NO SÉCULO XIX

Sónia Veríssimo

Assistente 2.º triénio - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Beja

*“ Le genre Voyage est par soi-même une chose presque impossible. ”*  
Flaubert

No seu estudo, *Orientalism* (1978),<sup>i</sup> obra de referência que suscita ainda hoje aceso debate, Edward Said dita as coordenadas do que aqui nos prende a atenção, isto é, anuncia, criticamente, o imaginário colectivo de toda uma época: o fascínio exercido pelo Oriente a partir de 1800, vezes sem conta sonhado, idealizado, (re)visitado, percorrido e incansavelmente representado em texto, em pintura, em música:

“[...] l’Europe possédait, héritée de son passé, une vaste littérature traitant de l’Orient. Une des particularités de la fin dix-huitième siècle et du début du dix-neuvième, période où nous plaçons le début de l’orientalisme moderne [...]. Tout à coup, une génération de penseurs, d’hommes politiques, d’artistes a pris une conscience nouvelle de l’Orient, de la Chine à la Méditerranée, due en partie à la découverte et à la traduction de textes orientaux, sanscrits, zends ou arabes, mais aussi à une perception nouvelle de la relation entre l’Orient et l’Occident.”<sup>ii</sup>

Em todas as épocas, o homem revelou uma extraordinária abertura perante a diversidade do mundo, ambicionando desbravar países distantes e uma enorme vontade de testemunhar e analisar o estranho, o desconhecido. Se, de facto, as viagens e o exotismo a elas associado não nasceram no século XIX, se o tema da viagem sempre foi um dos mais importantes e emblemáticos *topoi* da literatura universal (sem recuarmos até à Antiguidade Clássica, onde de imediato surge Homero e a *Odisseia*, Virgílio e a *Eneida*, basta termos presente o século XVIII que viu as narrativas de viagem multiplicarem-se), não será menos verdade afirmar ser esta a época da sua grande voga, ser este o tema artístico privilegiado, confinando-se a enorme diversidade geográfica do mundo, quase exclusivamente, ao apelo do longínquo Oriente, este último tão obsessivamente enraizado na cultura francesa que levou Victor Hugo (sintomaticamente, o autor escolhe-o como cenário e como título para a sua recolha de poemas de 1829, *Les Orientales*, sem nunca o ter percorrido) a afirmar:

“Au siècle de Louis XIV on était helléniste, maintenant on est orientaliste.”<sup>iii</sup>

Neste início de século, onde os vestígios de progressos técnicos (que associados a factores de outra natureza vieram revolucionar o conceito de viagem, democratizando-a e contribuindo para o nascimento do turismo moderno) ainda não se faziam sentir e, conseqüentemente, cada viagem se traduzia numa aventura solitária, numa caminhada lenta, penosa e perigosa, propícia à deambulação individual, o escritor-viajante ou o viajante-escritor era, sem dúvida, o mediador privilegiado na celebração da alteridade, o intermediário, melhor posicionado, no olhar do Ocidente sobre o Oriente. Cada vez mais sensível a cenários bizarros e pitorescos, extremamente empenhado em transmitir ao leitor as suas experiências, impressões e emoções de viagem, adivinha-se uma nova postura do eu-viajante, bem diferente da veiculada no século das luzes. Efectivamente, e este é um dos méritos evidentes da literatura de viagem em apreço, a um viajante oculto diante do objecto descrito impõe-se um outro que se assume como personagem central, ao transmitir a sua própria vivência de peregrino, o que conferirá ao texto um acentuado pendor autobiográfico, mas que, sublinhe-se, de forma alguma porá em risco a constante preocupação de autenticidade, apanágio deste género de literatura.<sup>iv</sup>

Em consequência dessa nova postura do herói-viajante, mas também da evolução de mentalidades, um notório passo de gigante vem contribuir para acentuar o fosso já evidente entre literatura de viagens do século XVIII e a sua congénere do século posterior: um claro sintoma de abertura ao Outro, uma mudança progressiva do estatuto do Oriental. Antes, o viajante não prescindia do Outro, mas para melhor se afirmar na diferença; a hipótese de ser também ele objecto de curiosidade não fazia o menor sentido. Com a nova geração de peregrinos, o Outro passa de passivo observado a observador activo; viajante ocidental e população autóctone labutam numa descoberta recíproca de alteridade.<sup>v</sup>

Filiados na tradição secular de viagem ao Oriente, grandes figuras como Alphonse de Lamartine em 1832, Gérard de Nerval em 1843, condessa de Gasparin em 1847, Gustave Flaubert e Maxime du Camp em 1849, Théophile Gautier em 1852, Ernest Renan em 1864, Pierre Loti em 1877, entre outros, percorreram as etapas orientais mais requisitadas (operando apenas pequenas e simples variações),<sup>vi</sup> nomeadamente a Grécia, sob dominação turca, a Ásia menor, o Egipto, a Turquia, a Síria, a Palestina, ou seja, o percurso circular<sup>vii</sup> inaugurado em 1806, logo na alvorada do século, por Chateaubriand. Este último, considerado já o pai do Romantismo, reclama a si, e dessa forma foi, de facto, encarado pelas gerações vindouras, um lugar charneira enquanto precursor de uma nova vaga de viajantes ao Oriente:

“J’ai donc eu le très petit mérite d’ouvrir la carrière, et le très grand plaisir de voir qu’elle a été suivie après moi. En effet mon Itinéraire fut à peine publié, qu’il servit de guide à une foule de voyageurs.”<sup>viii</sup>

Ora, com a evidente institucionalização da viagem ao Oriente, circunscrita a um itinerário experimentado até à exaustão, levanta-se de imediato a questão, sobretudo no meio literário, do lugar ocupado pela novidade, pela originalidade da enunciação, pois a percepção de um discurso demasiado uniforme na representação da alteridade oriental, traduzido inclusive numa amalgama de *clichés*, lugares comuns, citações, soa ao *déjà vu*. Jean-Claude Berchet, na introdução à sua antologia de viajantes franceses ao Levante no século XIX, debruça-se sobre esta problemática, focalizando igualmente a sua atenção nos horizontes de expectativa do leitor contemporâneo:

“Il [a viagem ao Oriente] a tendance à se codifier, à exploiter un acquis; on ne risque plus de sortir des chemins battus.[...] En réalité la vision du voyageur-écrivain a perdu à jamais sa fraîcheur inaugurale: rien qui ne soit déjà vu, ou déjà dit.” [...] Il semble même que le voyageur «dans un fauteuil» cherche moins le plaisir de la découverte ou de la surprise que celui de la répétition, de la reconnaissance [...]”<sup>ix</sup>

Muito embora se possa considerar que o “sésame des récits orientaux est dans la répétition”,<sup>x</sup> um reexame atento e sobretudo justo do olhar dos viajantes franceses em terras orientais permitirá reclamar também para os relatos de viagem uma diversidade considerável, um sem número de divergências,<sup>xi</sup> assentes nas singulares motivações, intenções e circunstâncias subjacentes a cada viagem, na evolução das mentalidades e, em última instância, na capacidade descritiva do autor e que, acreditamos, se traduzirão num processo consciente de constante refutação e ultrapassagem das narrativas de viagem suas contemporâneas ou tidas, por todos, como referência.

Abrimos, nesta fase, um compasso de espera, também nós movidos pela preocupação de exactidão e de clareza, na tentativa de legendar alguns exemplos que se afiguram particularmente reveladores e significativos do atrás exposto, parêntesis esse que nos possibilitará fazer um périplo, ainda que superficial e que abrangerá um raio muito reduzido de escritores, pelo que de melhor o século XIX concebeu, no panorama francês, no domínio da literatura de viagens. Vejamos então:

“Je n’ai point fait un voyage pour l’écrire; j’avais un autre dessein: ce dessein je l’ai rempli dans les *Martyrs*. J’allais chercher des images; voilà tout.”<sup>xii</sup>

À confissão feita por Chateaubriand no prefácio de *L’Itinéraire de Paris à Jérusalem*, acima transcrita, contrapõe Lamartine, catorze anos mais tarde, em *Voyage en Orient*, o ensejo de aí passar “en poète et en philosophe”,<sup>xiii</sup> privilegiando “souvenirs, impressions, pensées et paysages”,<sup>xiv</sup> para Nerval, depois da sua primeira crise pública de loucura, a partida para o Oriente traduz-se na urgência de uma peregrinação interior que o faça renascer. “Disparaître, se faire oublier, changer de

planète et devenir un autre et revenir ayant fait peau neuve”,<sup>xv</sup> terá sido, por certo, o desejo do escritor, como oportunamente destaca o estudioso Pierre Petitfils; e, finalmente (porque a lista já vai longa) a perpétua vontade, expressa no fecho de *Constantinople*, de “saisir la physionomie pittoresque d’une ville”,<sup>xvi</sup> leva a assinatura de Gautier.

Justifica-se este longo somatório de motivações (que contudo não se resume nas apresentadas, pois cada viajante citado esconde, voluntariamente, ou não, fica a dúvida, outras), na lógica de melhor compreendermos e clarificarmos muitas das atitudes e comportamentos destes viajantes face a uma civilização tão diferente da sua cultura ocidental.

Assim, se Chateaubriand se afigura como um viajante apressado e desejoso de cumprir a rota previamente estabelecida,<sup>xvii</sup> é o ritmo lento e paulatino que caracteriza as deambulações de Nerval e Gautier num mundo desconhecido. Incógnitos na multidão (a utilização de vestuário local assim o permitia), rendidos à surpresa e ao bizarro que espreita a cada esquina, os dois escritores lutam por um conhecimento íntimo do país visitado, passaporte que lhes dará acesso imediato ao que mais ambicionam: a integração. Esta orientalização esconde, porém, outros propósitos e é neste aspecto que os dois escritores se afastam irremediavelmente: para Nerval abolir a fronteira que o priva do contacto com a mulher oriental; para Gautier a busca melancólica de uma Turquia autêntica, mas à beira de ceder aos caprichos da modernização, afinal a civilização de que o autor faz parte, mas da qual tenta a todo o custo escapar.

A valorização de uma Turquia “bárbara”, fiel às suas raízes e tradições muçulmanas, traz-nos à memória uma vez mais Chateaubriand, mas agora acompanhado, ainda que não de braço dado, de Lamartine. O primeiro, na esteira da tradição dos viajantes do século XVIII, amontoa, no seu *Itinéraire*, preconceitos e generalizações depreciativas contra o império turco, que acusa de inimigo número um da Europa cristã; o segundo, Lamartine, em vez da hostilidade descrita acima, sonha com a fusão entre o Ocidente e o Oriente, envida esforços para fundir as várias religiões, não perde a ocasião de colocar em paralelo Cristianismo e Islamismo, louva a simpatia e a tolerância do povo turco.

Muitos mais exemplos de distanciamento, de demarcação poderiam ser apontados, com estes ou com outros escritores-viajantes. Acreditamos, todavia, ter conseguido demonstrar que na impossibilidade de fuga ao inevitável, ao culto do orientalismo, um outro culto, uma outra “seita”, se quisermos, bem mais poderosa, a da singularidade, lhe fará frente. Apoiando-nos em Lamartine, diríamos mesmo que é da fusão dos contrários, entre o colectivo, o familiar e a genialidade, que nasce a especificidade e a popularidade das narrativas de viagem do século que nos prende a atenção.

Fechamos, como abrimos esta incursão, com Edward Said, ele que na sua obra reduz e rotula todo o discurso ocidental, seja ele político-económico, histórico, literário, de anti-oriental, discurso esse que ele considera, parece-nos, de forma simplista, ao serviço da tradição imperialista.<sup>xviii</sup> Gostaríamos, pois, de perceber, pelo que vimos, onde, quando e de que forma, por exemplo, um Gautier, um Nerval, um Lamartine (um Loti) legitimaram esse comportamento colonialista.

### Notas

- i. Tradução francesa: Edward Said, *L'orientalisme. L'Orient créé par l'Occident*, trad. par Catherine Malamoud, préface de Tzvetan Todorov, Paris, Seuil, 1980.
- ii. *Ibid.*, pp. 57-58.
- iii. Victor Hugo, *Oeuvres poétiques*, éd. Pierre Albouy, Paris, Gallimard, 1964, p. 580.
- iv. Para informações mais detalhadas aconselha-se a consulta da obra de Sarga Moussa, *La relation orientale, enquête sur la communication dans les récits de voyage en Orient (1811-1861)*, Paris, Klincksieck, 1995.
- v. De registar que esta alteração foi progressiva. Chateaubriand, ainda influenciado pelo espírito das luzes, só esporadicamente e atipicamente a desenvolve. Lamartine, por seu turno, é um exemplo vivo desse espírito de abertura ao Oriental.
- vi. Nerval, por exemplo, evita Jerusalém e Gautier foge um pouco do círculo acima mencionado: passa o Verão de 1852, em Constantinopla, depois de uma breve escala em Malta. Antes do regresso a França, visita Atenas e Veneza.
- vii. Jean-Claude Berchet, *Le voyage en Orient. Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIX<sup>ème</sup> siècle*, Paris, Éditions Robert Laffont, 2001, p.10.
- viii. François Chateaubriand, *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, présentation par Jean Mourot, Paris, GF Flammarion, 1998, p.35.
- ix. *Le voyage en Orient. Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIX<sup>ème</sup> siècle*, *op. cit.*, pp.10-11.
- x. Suzanne Lafond, *Suprêmes clichés de Loti*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1994, p. 36.
- xi. Embora devamos levar sempre em linha de conta a dimensão intertextual, bem como o ascendente de alguns escritores sobre outros, neste tipo de narrativas. Veja-se, a título de exemplo, o peso de Lamartine na obra de Pierre Loti ou a importância de Lane no imaginário oriental de Nerval.
- xii. *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, *op.cit.*, p. 41.
- xiii. Alphonse de Lamartine, *Voyage en Orient*. Texte établi, présenté et annoté par Sarga Moussa, Paris, Honoré Champion, 2000, p.43.
- xiv. A obra de Lamartine tem como subtítulo, precisamente, *Souvenirs, impressions, pensées et paysages*.
- xv. Pierre Petifils, *Gérard de Nerval*, Paris, Julliard, 1986, p.195.

- xvi. Théophile Gautier, *Constantinople*, in *Constantinople et autres textes sur la Turquie*, présentation et notes par Sarga Moussa, Paris, Boîte à Documents, 1990, p. 313.
- xvii. É preciso não esquecer as condições das viagens no tempo de Chateaubriand, nomeadamente a escassez de transportes. Daí a urgência de cumprir à risca o calendário.
- xviii. Por curiosidade, vide: *L'orientalisme. L'Orient créé par l'Occident*, op. cit., pp. 27-30.

### BIBLIOGRAFIA

BERCHET, Jean-Claude, *Le voyage en Orient. Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIX<sup>ème</sup> siècle*, Paris, Éditions Robert Laffont, 2001.

CHATEAUBRIAND, François, *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, présentation par Jean Mourot, Paris, GF Flammarion, 1998.

GAUTIER, Théophile, *Constantinople et autres textes sur la Turquie*, présentation et notes par Sarga Moussa, Paris, Boîte à Documents, 1990.

HUGO, Victor, *Oeuvres poétiques*, Éditions Pierre Albouy, Paris, Gallimard, 1964.

LAFOND, Suzanne, *Suprêmes clichés de Loti*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1994.

LAMARTINE, Alphonse de, *Le voyage en Orient*. Texte établi, présenté et annoté par Sarga Moussa, Paris, Honoré Champion, 2000.

MOUSSA, Sarga, *La relation orientale, enquête sur la communication dans les récits de voyage en Orient (1811-1861)*, Paris, Klincksieck, 1995.

NERVAL, Gérard, *Voyage en Orient*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1961.

PETITFILS, Pierre, *Gérard de Nerval*, Paris, Julliard, 1986.

SAID, Edward, *L'orientalisme. L'Orient créé par l'Occident*, trad. par Catherine Malamoud, préface de Tzvetan Todorov, Paris, Seuil, 1980.